

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LAUREN RODRIGUES CABRERA

**A HISTÓRIA ATRAVÉS DA LITERATURA: Uma análise da biografia de Irena
Sendler**

**Bagé/RS
2023**

LAUREN RODRIGUES CABRERA

**A HISTÓRIA ATRAVÉS DA LITERATURA: Uma análise da biografia de Irena
Sendler**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Miriam Denise Kelm

**Bagé-RS
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

Cabrera, Lauren Rodrigues

A HISTÓRIA ATRAVÉS DA LITERATURA: Uma análise da biografia de Irena
Sendler / Lauren Rodrigues Cabrera.

41 p.

C117h Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa,
LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2023.
"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Literatura Memorialista. 3. Biografia. 4. Irena
Sendler. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

LAUREN RODRIGUES CABRERA

**A HISTÓRIA ATRAVÉS DA LITERATURA: UMA ANÁLISE DA BIOGRAFIA DE IRENA
SENDLER**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Português e Literaturas de Língua
Portuguesa, da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de julho de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora
(Unipampa)

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rego
(Unipampa)

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Correa
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/07/2023, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/07/2023, às 20:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/07/2023, às 07:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1188596** e o código CRC **14BE33A5**.

Referência: Processo nº 23100.014183/2023-12 SEI nº 1188596

Dedico o presente trabalho à minha mãe, Claudia, que me apoiou e incentivou durante minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTO

À Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

Às professoras Zila Leticia Goulart Pereira Rego e Lúcia Maria Britto Corrêa.

A todos os colegas de curso.

“As pessoas se dividem em boas e más. Nacionalidade, religião, raça não têm importância. O que importa é que tipo de pessoa alguém é”.

Irena Sendler

RESUMO

A Literatura e a História se entrelaçam através da Literatura Memorialista e da Literatura de Testemunho, que podem ser interpretadas como a reconstrução de eventos reais a partir das formas narrativas biográficas e autobiográficas. No presente trabalho foi realizada uma análise da representação do fato histórico, Segunda Guerra Mundial, no livro *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do Holocausto*, escrito por Anna Mieszkowska, publicado em 2013, trazendo a reflexão sobre até que ponto a narrativa dá conta de trazer o inimaginável em palavras, bem como realizar o aprofundamento sobre a biografia como uma das formas textuais do gênero memorialista.

Palavras-chave: Literatura Memorialista. Segunda Guerra Mundial. Biografia. Irena Sendler.

ABSTRACT

Literature and History intertwine through Memorialist Literature and Testimony Literature, which can be interpreted as the reconstruction of real events from biographical narrative forms. In the present work, an analysis of the representation of the historical fact, World War II, in the book *A História de Irena Sendler* was carried out. The mother of children of the Holocaust, written by Anna Mieszkowska, published in 2013, bringing reflection on the extent to which the narrative is able to bring the unimaginable into words, as well as deepening the biography as one of the textual forms of the memorialist genre.

Keywords: Memorialist Literature. Second World War. Biography. Irena Sendler.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CONFLITO QUE DEIXOU MARCAS	16
2.1 Os Guetos – O Gueto de Varsóvia	21
3 LITERATURA MEMORIALISTA	26
3.1 Biografia – Um gênero memorialista	28
4 A BIOGRAFIA DE IRENA SENDLER.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em eventos-limite logo nos vem à mente a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que foi uma disputa por territórios entre as grandes potências da época e deixou marcas inimagináveis que conseguimos assimilar quando a Literatura e História se entrelaçam através da Literatura Memorialista e da Literatura de Testemunho, que podem ser interpretadas como a reconstrução de eventos reais a partir das formas narrativas biográficas e autobiográficas. Porém, estudar os eventos da Segunda Guerra Mundial também requer retomar o desfecho da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A principal causa que acarretou a Segunda Grande Guerra foi a insatisfação dos alemães com o Tratado de Versalhes, que foi um acordo de paz assinado em 1919 e decretou o fim da Primeira Guerra Mundial, visto como injusto e inaceitável. Como cita Hobsbawm (1995, p.42) não era necessário entrar em muitos detalhes da história entreguerras para ver que o acordo de Versalhes não podia ser a base de uma paz estável. Estava condenado desde o início e um novo conflito era praticamente certo.

O Tratado foi elaborado pelos vitoriosos, Estado Unidos, Grã-Bretanha, França e Itália, da Primeira Guerra Mundial, mas nenhuma potência da época conseguiu imaginar que o sentimento de revolta e desejo por vingança do povo alemão acarretaria, anos mais tarde, a Segunda Guerra que deixaria marcas profundas como o holocausto¹ que fez milhões de vítimas.

Segundo Eric Hobsbawm (1995, p.43), a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler. O líder político, Adolf Hitler, fez despertar o sentimento de revolta nos alemães, apelando para o orgulho nacional, alcançando-se poder e colocando em ascensão o estado nazista. Além disso, Hitler restaurou a economia e transformou a Alemanha em uma potência, abandonando os tempos difíceis que o país estava passando.

O holocausto¹ foi nitidamente um fato ideológico, mas devemos considerar que a gênese do antissemitismo é algo anterior a Hitler, porém tomou forma e tamanha violência com o líder político. No pós-guerra de 1914, já existia um certo antissemitismo que encontrou uma atmosfera para o seu crescimento e desenvolvimento através de ideias de Adolfo Hitler, que se esforçou para atribuir aos judeus a culpa por todos os males que recaíam sobre a nação.

E esse antissemitismo de Hitler acarretou construções de campos de extermínio de judeus e indivíduos que não eram considerados “puros”, não pertenciam a raça ariana. Além dos campos de extermínio, houve a construção de guetos onde os judeus eram isolados e tratados da maneira mais cruel possível. São fatos difíceis de imaginar que realmente aconteceram por serem tão dantescos, tenebrosos, pois o plano do regime nazistas era a liquidação do povo judeu e foi desenvolvido por etapas: a estratégia não era consensual em toda cúpula nazista, dividida entre o extermínio e o trabalho forçado. O que os nazistas chamam de “solução final” seria o último passo num programa composto por três etapas: expulsar, confinar e exterminar o povo judeu.

Quando pensamos em Segunda Guerra, o evento que mais se destaca é o holocausto exatamente por ter sido tão cruel e por levantar curiosidade sobre suas causas, motivações e consequências. A percepção aumenta cada vez que lemos testemunhos como: *O diário de Anne Frank* por Otto Frank e Mirjam Pressler, *É isto um homem?* de Primo Levi e *A história de Irena Sendler: A mãe das crianças do Holocausto* de Anna Mieszkowskas. Entre outras obras que trazem testemunhos emocionantes.

A cada página dessas obras que lemos conseguimos enxergar um pouco dos horrores do holocausto, o que as vítimas vivenciaram pois, o que sentiram de fato, ainda que a narrativa seja bem escrita e emocionante, é impossível. Como, por exemplo, Anne Frank, que no auge de sua adolescência enfrentou os horrores da guerra e passou parte de sua vida isolada com sua família no anexo secreto que estava localizado nos fundos do prédio da empresa de seu pai, Otto Frank, em Amsterdã, na

¹ Holocausto: O holocausto foi o genocídio de milhões de judeus pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Na época, o pensamento do líder político Adolf Hitler era exterminar a população que não era ariana com o objetivo de purificar a nação alemã e levando os considerados não arianos ao desaparecimento étnico.

Holanda. Depois do anexo só conheceu a crueldade dos campos de concentração de Auschwitz e Bergen-Belsen. Algum tempo depois morreu de tifo pelas condições insalubres daqueles lugares.

Existem relatos que fazem nossos estômagos revirarem, nossos corações apertarem e os olhos encherem de lágrimas e, portanto, nos fazem refletir que jamais conseguiremos imaginar a dimensão do holocausto, da Segunda Guerra Mundial, do regime nazista. Mas através da Literatura Memorialista e da Literatura de Testemunho conseguimos assimilar que algo tão cruel aconteceu e fez milhões de vítimas. Então, conseguimos enxergar a importância da memória histórica através da Literatura com o objetivo de recuperar memórias e evitar que eventos como o holocausto sejam esquecidos.

No artigo *A Literatura de Testemunho e a construção da memória do holocausto* (2011), escrito por Patricia Müller, a autora afirma que a expressão Literatura de Testemunho produz narrativas oriundas de relatos de vítimas de acontecimentos traumáticos de larga escala, como uma forma de recriar, através da memória, o espaço físico e os acontecimentos nele vivenciados, baseado em experiências de sujeitos, apresentando relatos testemunhais, dando voz aos sobreviventes. Portanto, podemos considerar que esse modo de recriação é um método de preservação da memória, uma alternativa para não esquecer.

E então, nos vemos lendo o *Diário de Anne Frank* (2013) e tendo treze anos outra vez, pensando em como seria uma adolescência sem poder sentir o ar puro ou andar livremente. Quando realizei a leitura do Diário, era uma adolescente assim como Anne Frank, mas livre. E por isso, os pensamentos de pôr quais motivos Anne Frank não podia ser livre e por qual motivo eventos como holocausto ocorreram começaram a fazer parte dos meus principais questionamentos sobre a história do mundo e principalmente, pela história da Segunda Guerra. Portanto, precisamos das memórias de Anne Frank, Primo Levi e Irena Sendler para não esquecermos e para refletir a nossa visão do fato histórico, considerando que cada testemunho é documental, por isso, faz parte da História.

A Literatura Memorialista e a Literatura de Testemunho causam um grande impacto por nos fazerem enxergar um mundo que se não fossem pelos testemunhos seria inimaginável. Como cita Kafka, em carta a Oskar Pollak, em 1904, um livro deve

ser o machado que quebra o mar gelado em nós. E a Literatura de Testemunho quebra o mar gelado em nós e permite a percepção do fato histórico que causou o holocausto e outros eventos-limite, trazendo a reflexão “Onde estão os limites do ser humano?”.

O acervo de obras sobre a Segunda Guerra Mundial e o holocausto nos faz questionar “De que forma as narrativas que pertencem à Literatura Memorialista e a Literatura de Testemunho podem cooperar no esclarecimento de eventos-limite?”.

A partir desse questionamento o presente trabalho se desenvolveu com o objetivo de analisar a relação entre Literatura e História através da Literatura Memorialista e Literatura de Testemunho, trazendo a reflexão sobre até que ponto a narrativa dá conta de trazer o inimaginável, em palavras e sobre a biografia como uma das formas textuais do gênero memorialista. Visando refletir de que modo a narrativa colabora com a compreensão de eventos-limite.

O presente estudo tem caráter bibliográfico, tendo como base livros biográficos e autobiográficos, artigos científicos e livros na área da história sobre a Segunda Guerra Mundial. O objeto de estudo foi a obra *A história de Irena Sendler: A mãe das crianças do Holocausto*, de Anna Mieszkowskas (2013).

Com o intuito de obter dados para a pesquisa, obras sobre Literatura Memorialista foram consultadas, como: *História, Memória, Literatura* de Márcio Seligmann-Silva, *O tempo vivo da memória* de Ecléia Bosi, *Memória e Memórias: Dimensões e Perspectivas da Literatura Memorialista* de Alba Olmi. Outras obras da Literatura Memorialista e Literatura de Testemunho foram estudadas, como: *O diário de Anne Frank* por Otto Frank e Mirjam Pressler e *É isto um homem?* de Primo Levi. Para contextualização histórica foram utilizadas as obras *A era dos extremos: O breve século XX* de Eric Hobsbawm, a trilogia *O essencial da Segunda Guerra Mundial* de Dimas da Cruz Oliveira, entre outras.

Neste primeiro capítulo fizemos uma breve introdução sobre o presente trabalho e sua temática. No segundo capítulo realizamos uma exposição sobre a Segunda Guerra Mundial e os Guetos, em especial sobre o Gueto de Varsóvia. Já no terceiro capítulo abordamos a Literatura Memorialista, Literatura de Testemunho, e o gênero biografia. No quarto capítulo realizamos a apresentação da biografia de Irena Sendler e a análise

de como a narrativa se entrelaça ao evento histórico. Por fim, no capítulo cinco explanamos as considerações finais que são baseadas na recapitulação das partes mais significativas da pesquisa.

2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CONFLITO QUE DEIXOU MARCAS

O século XX foi marcado por revoluções e guerras, e um dos conflitos que deixou marcas profundas foi a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que, como bem colocou o historiador Eric Hobsbawm, na sua obra *A era dos extremos: o breve século XX* (1995), após o conflito “Os prédios podiam ser mais facilmente reconstruídos após essa guerra do que a vida dos sobreviventes” (HOBSBAWM,1995, p.51). Mas para compreender como o grande conflito começou é necessário retomar o que aconteceu em 1918, no final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

No final de 1918, a Alemanha perdeu a Primeira Guerra para a conhecida Tríplice Entente, constituída pelas potências: França, Reino Unido e Império Russo, que contou com a ajuda dos Estados Unidos para vencer a Guerra. Após o fim do conflito ocorreu a Conferência de Paris, em 1919, com o objetivo de estabelecer acordos de paz entre os vitoriosos e os derrotados e um deles foi o Tratado de Versalhes, que estabeleceu à Alemanha uma paz punitiva, justificando que o Estado alemão era o único responsável pela guerra e suas consequências. O Tratado teve como objetivo principal controlar a Alemanha considerando que a potência havia derrotado, praticamente sozinha, toda a coalizão aliada e, portanto, a Tríplice Entente pretendia mantê-la enfraquecida para manter sua hegemonia. Então, a Alemanha teve sua força militar reduzida a um efetivo mínimo, perdeu grande parte de suas colônias, e foi imposto o pagamento de uma indenização pelos custos de guerra aos vitoriosos. Por consequência, o Estado alemão acaba entrando em crise econômica. Os vitoriosos também tinham como objetivo evitar outra guerra que acabaria por devastar o mundo como a Primeira Guerra Mundial, mas fracassaram porque alguns anos depois o mundo estava novamente em guerra.

Uma nova guerra poderia ter sido adiada ou até mesmo evitada, se a economia tivesse se restabelecido, mas em meados da década de 1920 a economia mundial entrou em uma enorme crise. Em decorrência disso, a Alemanha e Japão levaram ao poder as forças políticas militaristas e de extrema direita que segundo Hobsbawm (1995, p.43) estavam empenhadas num rompimento deliberado com o estado atual mais pelo confronto, se necessário militar, do que pela mudança negociada aos poucos. Portanto, uma nova guerra mundial era rotineiramente prevista. Considerando que a Alemanha já estava em uma crise econômica desde as punições previstas no Tratado de Versalhes, a crise que se espalhou pelo mundo fez

com que a insatisfação com o Tratado crescesse ainda mais. E foi então que os regimes de extrema direita como, por exemplo, o fascismo e o nazismo se popularizaram.

Durante uma noite no mês de novembro de 1923, um jovem de origem austríaca invadiu um comício político que era realizado na Bürgerbräukeller, uma das maiores cervejarias da cidade de Munique, na Alemanha. O indivíduo falou aos que estavam presentes sobre a “revolução social” que devolveria à Alemanha a glória que a Primeira Guerra Mundial havia levado da potência. O jovem era Adolf Hitler, aquele que se tornaria um dia líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemão, mais conhecido como partido nazista. Porém, esse discurso não foi visto com bons olhos e Hitler foi acusado por conspiração com o intuito de traição e passou cinco anos na prisão. Ao deixar a prisão ainda queria chegar ao poder, mas dessa vez por via legal e alcançaria seu objetivo em menos de dez anos.

No ano de 1933, o líder do Partido Nazista, Adolf Hitler, assume o cargo de Chanceler, havia sido indicado pelo presidente alemão Paul von Hindenburg, que estava sendo pressionado por grupos econômicos devido à situação complicada que o país enfrentava desde 1918. O recém-eleito Chanceler conseguiu restaurar a economia e transformou a Alemanha em uma potência.

Porém, Hitler tinha pensamentos extremistas e acreditava que o comunismo era uma ameaça a Europa e, para além disso, acreditava que a raça alemã era superior a qualquer outra e atribuía a culpa de todos os males sociais aos judeus. Como cita o autor Dimas de Oliveira, na obra *Holocausto* (2015), Hitler soube dar ao antissemitismo um contorno mais preciso, empenhando-se em remeter aos judeus a culpa por todos os males que recaíam sobre a nação (OLIVEIRA, 2015, p.28). Na época, essas ideias de Hitler não pareciam trazer nenhum tipo de ameaça, pois as nações europeias acreditavam que se a Alemanha expandisse ia barrar o avanço comunista, mas essas ideias ganharam força e transformaram-se em anos de terror.

Em 1939, a Segunda Guerra Mundial começou depois que a Alemanha invadiu o território da Polônia. Porém, segundo Hobsbawm:

As origens da Segunda Guerra Mundial produziram uma literatura histórica incomparavelmente menor sobre suas causas do que as da Primeira Guerra, e por um motivo óbvio. Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores. Os Estados arrastados à guerra contra os três, capitalistas ou socialistas, não queriam o conflito, e a maioria fez o que pôde para evitá-lo. Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler. (HOBSBAWM, 1995, p.43).

Porém sabemos que as respostas para perguntas históricas não são tão simples assim e devemos ressaltar que o cenário criado após a Primeira Guerra Mundial era de instabilidade e, portanto, não se esperava que a paz durasse.

O Estado alemão não estava sozinho, pois era ligado à Itália e ao Japão por diversos tratados desde meados da década de 1930, considerando que já restava pouco do Tratado de Versalhes naquela época. Então, a Guerra começa com um caráter puramente europeu, a Alemanha conseguia ocupar muitos territórios com o decorrer dos dias e os países europeus seguiram com a crença de que quanto mais a Alemanha avançasse, mais o avanço comunista seria barrado. Considerando também que a maioria das potências queria evitar conflitos que pudessem trazer consequências prejudiciais tais como as do fim da Primeira Guerra Mundial.

A Segunda Guerra começou quando, em 1939, a Polônia foi invadida e derrotada pelos alemães e dividida com a então neutra Rússia. Então, considerada uma guerra puramente europeia e os principais conflitos se concentravam no ocidente, a Alemanha contra a Grã-Bretanha e a França. O Estado alemão estava em busca de uma coisa: vingança contra os vitoriosos da Primeira Guerra Mundial. A guerra acabou tornando-se mundial quando o Japão atacou o sudeste Asiático.

A Alemanha segue sua dominação e, em 1941, tentou invadir a Rússia e rompeu o acordo de não-agressão que havia firmado com Stalin. Um ano depois, em 1942, o exército alemão tentou uma nova ofensiva nos territórios russos, após o inverno, que ocasionou um avanço significativo nas regiões. Porém, na tentativa de invasão à cidade de Stalingrado o exército alemão foi detido e esse episódio, de certa forma, decidiu a guerra e, depois dessa tentativa, todos sabiam que a derrota da Alemanha era questão de tempo.

No ano de 1943, Alemanha, Itália e Japão começaram a perder a iniciativa militar e em 1944 as tropas americanas desembarcaram em Normandia, na França e começaram os ataques ao território alemão. Mesmo com a pressão dos adversários, o comando nazista, situado em Berlim, decidiu lutar até a morte. As autoridades nazistas obrigaram a população a lutar, de crianças a idosos, todos deveriam defender a nação alemã.

Já em 1945, a cidade de Berlim encontrava-se totalmente cercada. Há suposições de que em abril, Hitler, sua esposa Eva Braun e o ministro da propaganda Goebbles cometeram suicídio. E em maio do mesmo ano, houve a rendição total da Alemanha.

Para além de conquistar territórios, o regime nazista também perseguia e planejava um extermínio sistematizado do povo judeu. O líder Adolf Hitler estava convencido da impossibilidade de aceitar a existência de outras raças a não ser a mais pura germânica, a raça ariana.

Hitler levou o antissemitismo a níveis extremos, porém, o movimento antissemita não começou com o regime nazista, as ideias racistas do líder político são apresentadas de maneiras vagas em seu livro *Minha Luta* (1925). Também não se pode dizer que o extermínio foi apenas do povo judeu, muitos seres humanos não judeus morreram vítimas do nazismo. Mas os judeus eram vítimas especialmente designadas por Hitler.

Segundo Oliveira:

Remontando à responsabilidade pessoal de Hitler pelo holocausto, podemos dizer que, com seus conhecimentos superficiais de biologia e, sobretudo, da teoria darwinista da evolução, o Führer se deixava entusiasmar pelo famoso princípio da luta pela vida e da sobrevivência do mais apto; num arroubo quase doutoral, ele afirma que existem raças superiores e inferiores, que as primeiras devem dominar as segundas, que o convívio pacífico só é possível entre espécies afins: “O papel do mais forte é o de dominar e não, absolutamente, de se fundir com o mais fraco, sacrificando assim sua própria grandeza. Apenas o fraco de nascença pode achar essa lei cruel; mas porque ele é um homem fraco, limitado; porque, se essa lei não devesse prevalecer, a evolução de todos os seres organizados seria inconcebível. (OLIVEIRA, 2015, p.51)

Portanto, a ascensão de Hitler à posição de Chanceler do Reich, em 1933, trouxe a doutrina da superioridade racial que se originou de uma interpretação da teoria de Darwin e na Teoria da Eugenia. A Eugenia foi o termo criado por Francis Galton que acreditava que era possível criar seres humanos melhorados a partir do controle genético, ou seja, com base em características hereditárias. Portanto, baseado nesses pensamentos o Chanceler pensava que os elementos racialmente puros deviam sobreviver e para essa pureza ser efetiva todos os elementos inferiores deveriam ser exterminados. Então, se inicia não apenas uma perseguição racial, mas também ideológica.

Segundo Oliveira:

“Ou os judeus ou nós alemães”, pensava o Führer ao apresentar sua política em relação àquela minoria, cerca de quinhentos mil judeus em relação a um total de sessenta milhões de habitantes do país; foi assim que, pouco a pouco, mas com uma progressão inexorável, ele chegou ao mais temível e odioso eufemismo que conhecemos: o da “solução final do problema judaico”, representada pelos campos de morte. (OLIVEIRA, 2015, p.12)

Um fator que corroborou para ampliar a discriminação e perseguição aos judeus foram as Leis de Nuremberg que consistiam em leis antissemitas pelo regime nazista em meados de 1935. Segundo Oliveira (2015, p.39), o que atrai a atenção é o título da primeira lei “Para proteção do sangue e da honra alemã”, que proibia rigorosamente o casamento inter-racial. Portanto, o casamento entre judeus e alemães é para evitar a contaminação dos arianos por não arianos.

Em resumo, as Leis de Nuremberg foram elaboradas com objetivo de retirar dos judeus os direitos que haviam adquirido pela legislação imperial prussiana que concedia a eles plena cidadania. Com o discurso nacionalista o regime nazista conseguiu além de promulgar as Leis de Nuremberg também reforçar o antissemitismo. Conforme cita Oliveira:

Hitler não fala em combater seus inimigos; isso, aliás, muitos governantes antes e depois dele fizeram; não, ele fala em destruí-los a fim de implantar sua própria ideia de uma nova vida. Por uma lógica fatal, as Leis de Nuremberg implicavam na lei da morte implantada nos campos de concentração. (OLIVEIRA, 2015, p.41)

Um fato importante que incitou ainda mais a perseguição aos judeus foi A Noite dos Cristais, em 1938. Um jovem judeu que vivia em Paris insatisfeito com as medidas tomadas contra seu povo na Alemanha e na Áustria, atacou um diplomata da embaixada alemã, Ernst Von Rath, que morreu dois dias depois do atentado. Foi então que Hitler viu a oportunidade de incentivar o antissemitismo no povo alemão por meio de propagandas e discursos conclamando os alemães à vingança. Esses discursos levaram milhares de partidários do nazismo a devastarem propriedades de judeus. De acordo com Oliveira (2015, p.41), os nazistas se sentiram particularmente ofendidos e parecem confirmar os prognósticos de Hitler apresentados em *Minha Luta* (1925), acerca das supostas atividades dos judeus contrárias aos interesses da Alemanha.

Com isso, a perseguição e violência contra os judeus se espalhou por toda Alemanha e Áustria. Os saques a lojas e outras propriedades judaicas aumentaram, além de incêndios em instituições e sinagogas. Foram enviados para campos de concentração e isolados em guetos em decorrência do sentimento de vingança e o antissemitismo houve a segregação do povo judeu.

O capítulo a seguir trará informações sobre os guetos onde os judeus eram isolados e como era a vivência nesses lugares.

2.1 Os guetos – O Gueto de Varsóvia

Quando as invasões na Polônia começaram em 1939, o regime nazista montou guetos em toda a Europa Oriental ocupada pelos alemães para confinar e segregar judeus. Segundo o site *Enciclopédia do Holocausto*², a vida nos guetos era terrível, pois havia superpopulação e várias famílias dividiam uma mesma residência. Os indivíduos se amontoavam num único aposento, dormindo em beliches de vários andares montados às pressas. O espaço podia ser de apenas dois metros quadrados por pessoa e era composto por: banheiro, cozinha e quarto ao mesmo tempo.

Os alemães destruíram sistemas de esgotos e os dejetos da população eram jogados nas ruas juntamente com o lixo, deixando as condições de sobrevivência complicadas. Ainda não satisfeitos com as condições de vida do povo judeu nos guetos também não forneciam alimentos, apenas permitiam que os residentes comprassem pequenas quantidades de pão, batata e gordura, praticamente insuficiente para garantir a sobrevivência.

Os judeus que possuíam algum dinheiro guardado conseguiam comprar comida, outros sem as mesmas condições acabavam roubando ou mendigando. Durante os invernos, não havia combustível para abastecer os aquecedores das casas e muitos judeus não possuíam roupa adequada para enfrentar o frio. Muitos morreram de fome, frio e doenças nos guetos devido às péssimas condições em que viviam. E outros, em um ato de desespero, se suicidaram.

Porém, os guetos não foram uma invenção do regime nazista. Em meados do século XVI, já existiam guetos em Veneza, na Itália, onde as autoridades obrigaram os judeus a viver. De fato, durante o século XX os guetos já não eram mais lembrados e nem utilizados, mas durante a Segunda Guerra Mundial os nazistas recriaram os guetos para isolar a população judaica.

Segundo a *Enciclopédia do Holocausto* < [Enciclopédia do Holocausto | Museu Estadunidense Memorial do Holocausto \(ushmm.org\)](https://www.ushmm.org/pt-br/enciclopedia-do-holocausto)>, os alemães estabeleceram um número significativo podendo variar de quatrocentos a mil guetos somente na Polônia e na Rússia ocupadas pela Alemanha. O primeiro gueto fundado foi na Polônia, em Piotrków Trybunalski,

² O site *Enciclopédia do Holocausto* ([Enciclopédia do Holocausto | Museu Estadunidense Memorial do Holocausto \(ushmm.org\)](https://www.ushmm.org/pt-br/enciclopedia-do-holocausto)) é destinado à publicação de artigos com informações sobre o holocausto.

em 1939. Muitos dos guetos construídos não duravam muito tempo porque a população era morta, alguns duravam anos, meses e até mesmo dias. Com a elaboração da “solução final”, um plano para exterminar os judeus da Europa, os alemães começaram a destruir os guetos e os judeus que habitavam os locais eram levados para os campos de extermínio ou fuzilados.

Nas palavras de Lia Diskin, jornalista e responsável por escrever o prefácio da obra *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), escrito por Anna Mieszkowska, o Gueto de Varsóvia foi a exposição a céu aberto do sadismo mais perverso. (MIEZKOWSKA, 2013, p 19)

Em 1939, os judeus do gueto de Varsóvia eram obrigados pelos nazistas a usar em suas vestes um distintivo amarelo com a estrela de Davi, para se diferenciarem dos outros habitantes da cidade. Os alojamentos onde os judeus viviam eram infestados de ratos, pulgas, percevejos, moscas e mosquitos. Por isso as epidemias espalhavam-se rapidamente e causavam um grande índice de mortalidade. As doenças mais comuns eram disenteria, febre tifoide e tuberculose.

Conforme o artigo *Das Ghetto: O gueto como espaço de vivência e memória em A Lista de Schindler: Um herói do holocausto*, escrito por Carine Fraga da Silva, publicado em 2018, é citado o livro *Quem escreverá a nossa história? Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia* (2009), Samuel D. Kassow, destaca as difíceis condições da vida no gueto polonês. Ali viviam em torno de 100 mil pessoas onde ficava localizado o bairro entre 1940 e 1942, e eram as doenças e a fome preponderavam. Também é citado que apesar das situações dos guetos serem insalubres, o de Varsóvia era o pior.

Em 1942, devido à ameaça de a Alemanha fracassar durante a guerra, muitas pessoas começaram a ser deportadas para campos de concentração. Algumas pessoas possuíam o hábito de realizar registros como, por exemplo, Primo Levi (1919-1987), um químico e escritor italiano, que narrou sua trajetória a partir de 1944 quando chegou no campo de concentração de Auschwitz e onde permaneceu até 1945, quando as tropas russas invadiram o território alemão.

Os alemães construíram vários guetos e muitos desses foram locais de concentração de resistência judaica contra o regime nazista alemão, as resistências formadas ficaram conhecidas como “levantes do gueto”.

Por volta de 1940, os alemães construíram um dos maiores guetos: o Gueto de Varsóvia. Em Varsóvia, capital da Polônia, o gueto possuía em média quatrocentos mil judeus amontoados em uma área de 3,4 quilômetros quadrados. O espaço chegou a contabilizar a maior concentração de judeus marginalizados de todo o período da Segunda Guerra Mundial, as pessoas viviam em condições precárias amontoadas dentro do gueto, em meio a doenças e condições de higiene péssimas. Segundo Oliveira (2015, p.58), os guetos pavorosos formigavam de gente transformada em quase animais, os “judeus piolhentos”.

Em uma nota de rodapé do livro *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), escrito por Anna Mieszkowska, encontramos o trecho de uma publicação anglo-polonesa *O Gueto de Varsóvia* (2002), publicada pela editora Parma Press, na qual Anna Grupinska diz:

Em março de 1940, uma região de Varsóvia tradicionalmente habitada por judeus foi denominada de “Área de quarentena”. Ao longo da linha que separava essa área do restante da cidade, foram colocados avisos prevenindo sobre o risco de entrar no local. Em 27 de março de 1940, o Conselho Judaico recebeu a instrução de construir um muro ao redor dessa área, que representava 4% da cidade, e em 10 de maio de 1940, Adam Czerniaków – líder do Conselho Judaico – recebeu um mapa no qual essa região já aparecia cercada. No início de junho foram estabelecidas as primeiras fronteiras do Gueto de Varsóvia e erguidos os vinte primeiros trechos do muro. O término da construção do muro resultou no completo confinamento da área. [...] Em 12 de outubro de 1942, os alemães apresentaram ao Conselho Judaico a ordem para criação do gueto. [...] Numa área de cerca de 400 hectares (2,4% da cidade), foram amontoados centenas de milhares de judeus. Dentro da área circunscrita por um muro de 3 metros de altura e 18 quilômetros de comprimento, encontrava-se 73 das 1800 ruas de Varsóvia, cerca de 27 mil moradias, um cemitério e uma quadra esportiva. No bairro cercado não havia nenhum parque ou jardim. O lugar sofria constantes alterações. Após sua delimitação, em outubro de 1941, o gueto foi subdividido em dois, o pequeno e o grande guetos, ligados por uma ponte que passava sob a rua Chlodna, esta no lado ariano. [...]. O muro era vigiado pelas polícias alemã e polonesa do lado externo e pela polícia judaica do lado interno. [...]. O contrabando e a ação de organizações de ajuda mútua não eram capazes de amenizar as necessidades da área cercada. A fome no gueto era um fenômeno geral. (GRUPINSKA, in: MIESZKOWSKA, 2013, p.76)

O Gueto de Varsóvia durante sua formação sofreu grande impulso sob a política antissemita do Heydrich, que consistia em promover grandes ajuntamentos de judeus a fim de enxergar uma “solução” para o caso. Não bastasse o tratamento desumano, os guetos formados pelos nazistas na Polônia eram, muitas vezes, destino de passeios turísticos aos alemães oficiais ou soldados em férias. Possuíam o prazer de mostrar a hierarquia na qual estavam inseridos. Para os nazistas, os judeus que habitavam aqueles guetos deviam ser eliminados como um tumor a fim de evitar a contaminação, um pensamento puramente racista e eugênico.

Conforme o artigo *O Levante do Gueto de Varsóvia*, publicado no site Enciclopédia do Holocausto <[O Levante do Gueto de Varsóvia | Enciclopédia do Holocausto \(ushmm.org\)](https://ushmm.org/pt-br/enciclopedia/varsowia)>, em 1943 os alemães começaram a levar alguns judeus para campos de extermínio e, então, ocorreu o Levante de Varsóvia quando os judeus, mesmo muito debilitados e praticamente sem armamento, lutaram com um número significativo de soldados alemães treinados para combate e armados. Os combatentes do gueto conseguiram se defender por um mês, mas a revolta terminou no mesmo ano. Os soldados alemães venceram o levante.

A sobrevivente do holocausto Krystina Budnicka conta em uma entrevista para DW Brasil <<https://youtu.be/TpTRElfMBIs>> que durante o Levante de Varsóvia precisou esconder-se em um bunker³ durante nove meses, sem contato com o mundo exterior. Em uma de suas falas relata “Nós não parecíamos mais humanos. Éramos apenas pele e ossos, não tínhamos forças”. Budnicka ficou escondida até o fim da Segunda Guerra Mundial e, só então, ela soube que os nazistas haviam deportado em média trezentos mil judeus de Varsóvia para campos de concentração.

Outra sobrevivente do holocausto Irena Sendler, trabalhou em uma unidade de saúde que socorria os feridos do levante e relata alguns episódios em sua biografia *A história de Irena Sendler: A mãe das crianças do holocausto* (2013), escrito por Anna Mieszkowska. Sendler relata que:

Certo dia, uma mulher desesperada veio correndo até nós, implorando ajuda. Por milagre ela tinha conseguido trazer consigo o filho e o marido, retirados ainda vivos do fundo de uma pilha de cadáveres. Aconteceu que muitas pessoas, surpreendidas pelo estouro do levante na área do parque Pole Mokotowskie, acabaram se abrigoando no mosteiro dos jesuítas na rua Rakowiecka, que ficava nas redondezas. Essas pessoas não podiam mais retornar para suas casas e ficaram abrigadas naquele lugar. Um dia os alemães puseram fogo no prédio. Quase todos morreram. Aquela mulher, guiada certamente pela intuição, ouviu gemidos de feridos e, em meio à pilha de corpos incinerados, encontrou as pessoas mais queridas de sua família. Apavorada, procurava ajuda para eles em nosso pequeno hospital improvisado (SENDER, in: MIESZKOWSKA, 2013, p.192).

Em decorrência de relatos como os de Krystina Budnicka e Irena Sendler é possível ter o conhecimento de situações que aconteceram durante os dias de catástrofe. Portanto, é através do testemunho que a história é exposta de maneira mais específica, expondo episódios traumáticos e trazendo para conhecimento de outros indivíduos detalhes de eventos-limite que

³ *Bunker*: É uma estrutura fortificada, construída parcialmente ou totalmente embaixo da terra, feita para resistir a projéteis de guerra.

não aparecem em livros de História. Desse modo, o trabalho com a linguagem em eventos traumáticos e as narrativas dos que os vivenciaram possibilitam a assimilação de sujeitos que não estiveram presentes, mas buscam por mais informações através de relatos realizados por indivíduos que presenciaram tais acontecimentos.

No próximo capítulo será realizada uma explanação sobre o gênero memorialista.

3 LITERATURA MEMORIALISTA

Na Mitologia Grega, a Mnemósine, filha de Gaia (Terra) e Urano, é a personificação da memória que têm relação com o patrimônio cultural da humanidade. Mnemósine vivia ameaçada por Cronos (deus do Tempo), porém manteve-se graças a habilidade da escrita, ou seja, por meio da linguagem. A deusa torna-se esposa de Zeus (deus supremo do Olimpo) e dá à luz a nove musas, deusas da Literatura e das artes: Poesia, Música, Dança, Arquitetura e História. Segundo o site Clio: História e Literatura < [Clio: a Musa – Clio: História e Literatura \(cliohistoriaeliteratura.com\)](http://cliohistoriaeliteratura.com)>, a última deusa é Clio que é a deusa da História e da Criatividade, costuma ser representada carregando em suas mãos o livro de Tucídides⁴ que remete à escrita da História, ou seja, a historiografia. Portanto, o grande fruto que as memórias trazem é: a História.

Vivemos com rastros de memórias que adquirimos durante nossas vidas e, portanto, entre a presença e a ausência de momentos. Os rastros são elementos complexos que buscam manter a presença do ausente e a ausência da presença (GAGNEBIN, 2006, p.44). Através dos rastros conseguimos lembrar no presente de um passado desaparecido. Então, a memória está entrelaçada com a história devido ao seu compromisso com o registro do passado e essa memória histórica é cristalizada através da linguagem. A ligação entre memória e linguagem tem como objetivo transmitir o conhecimento de um passado já ausente e quando se entrelaçam memória, história e linguagem surge a Literatura Memorialista e a ela pertence a Literatura de Testemunho.

A Literatura Memorialista de um modo geral e a Literatura de Testemunho de um modo particular podem ser interpretadas como a reconstrução de eventos reais a partir das formas narrativas biográficas e autobiográficas. Portanto tem como pressuposto a recriação do mundo baseado em experiências reais, memorialísticas, de sujeitos que passaram por um evento histórico traumático. Para o filósofo Paul Ricoeur (2003, p.3) o testemunho é, num sentido, uma extensão da memória, tomada na sua fase narrativa. É por meio dessa extensão da memória que é possível, através das narrativas de testemunho, obtermos compreensão humana, histórica, política e social de eventos-limite.

⁴ Tucídides: Foi um historiador da Grécia Antiga e escreveu a história da Guerra do Peloponeso. Em oito volumes, narra a guerra entre Esparta e Atenas que ocorreu no século V a.C.

Então, o gênero memorialista costuma ser visto como uma espécie de apresentação de trajetórias de vidas e reapropria-se de um passado histórico por meio de relatos. Segundo Alba Olmi, na obra *Memória e Memórias. Dimensões e Perspectivas da Literatura Memorialista* (2006), “A memória é a única que pode religar-nos a um passado ao qual pertencemos e do qual derivam nossas atitudes, nossas crenças e descrenças, nossos mitos, nossa capacidade de recriar mundos possíveis nos quais já habitamos no passado, e nossa capacidade de narrar”. (OLMI, 2006, p.30)

Através do ato de narrar memórias é possível compreendermos o passado. A Literatura Memorialista tem um compromisso com o real, mas não com a realidade fictícia proposta em romances e, sim, com o registro de cenas verídicas.

Ainda utilizando as palavras de Alba Olmi, na introdução de seu livro, o gênero memorialista de forma geral, no passado, era visto em função do conhecimento que o leitor poderia auferir a respeito da vida particular de um determinado indivíduo proeminente na sociedade. Mas atualmente, podemos afirmar que o gênero foi se expandindo e então, não se trata apenas de narrar sobre a vida particular de um determinado indivíduo, mas também relatar sobre eventos traumáticos através da visão de determinado sujeito como ocorre nas biografias, autobiografias e testemunhos. Portanto, refletir sobre a literatura memorialista implica repensa a nossa visão sobre fato histórico.

Segundo Seligmann-Silva (2003):

Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o “indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência. (SILVA, 2003, p.48)

Então, a Literatura Memorialista pode fornecer uma visão ampla não somente da vida particular do sujeito, mas para além disso, retoma condições sociais, culturais, políticas e psicológicas de uma determinada época, ou seja, narra as condições que circulam ao redor de quem escreve sobre si próprio ou escreve a respeito de outro indivíduo. Por exemplo, na obra *É isto um homem?* (1988), escrito por Primo Levi, trata-se do próprio autor contando suas experiências no campo de concentração de Auschwitz e através de seu testemunho vemos suas indignações, frustrações, o momento histórico vivido e a luta para não perder sua identidade. É possível compreender o que cerca Levi através de sua narrativa e observar o campo sobre o qual a Literatura de Testemunho se articula que é o desejo de narrar ao outros as experiências traumáticas vividas.

Outro exemplo de obra que está inserida no gênero memorialista é: *O diário de Anne Frank* (2013), por Otto H. Frank e Mirjam Pressler; a obra é um diário escrito pela pequena judia Anne Frank que aos 13 anos, acompanhada por toda sua família, abandonou a residência em Amsterdã e se refugiou no sótão de uma casa. A família fugia do governo nazista que com suas crenças antissemitas estava perseguindo o povo judeu. Os Frank viveram cerca de dois anos no “anexo secreto” até serem delatados à Gestapo⁵. No prefácio da obra consta que Anne Frank manteve seu diário entre 1942 e 1944 e a princípio escreveu estritamente sobre si mesma, porém, escutou em uma transmissão radiofônica que depois da guerra o membro do governo holandês no exílio, Gerrit Bolkestein, esperava recolher testemunhos do sofrimento do povo sob a ocupação alemã e que pudessem ficar à disposição do público. Como exemplo, citou diários e cartas. Então, Anne Frank começa a relatar em seu diário o cotidiano no “anexo secreto”.

Já na obra *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), escrito por Anna Mieszkowska, temos a autora (Anna Mieszkowska), uma jornalista e escritora polonesa, transcrevendo as cenas que Irena Sendler viveu durante a Segunda Guerra Mundial quando atuou como assistente social. Através dos relatos de Irena Sendler e de outras vítimas do holocausto transcritos por Anna Mieszkowska é possível notar o desespero em cada relato e o trauma que o holocausto deixou. A obra é considerada uma biografia e nela encontra-se o sentido amplo de Literatura Memorialista, que através da reconstituição da memória de um determinado sujeito é possível compreender um momento histórico com cenas traumáticas.

3.1 Biografia – Um Gênero Memorialista

A palavra biografia tem origem etimológica nos termos gregos *bios* (vida) e *graphein* (escrever). Então, o gênero biográfico é uma narrativa que recupera a trajetória da vida de uma pessoa, destacando os principais fatos de sua história. Ora os sujeitos constroem sua realidade através do ato de narrar. Contam histórias sobre si ou sobre outros desde muito

⁵ Gestapo: Polícia secreta oficial da Alemanha nazista.

cedo. Segundo Alba Olmi (2006), o instinto narrativo é tão antigo em nós quanto o desejo de conhecimento (OLMI, 2006, p.32). E a biografia surge do desejo de narrar sobre uma pessoa em particular, recuperando seu percurso de vida e, portanto, é uma forma de relatar cenas vividas.

A biografia tem sua origem entrelaçada à historiografia do século XIX, segundo o artigo *Biografia como gênero e problema*, escrito por Lilia Moritz Schwarcz e publicado na revista *História Social* em 2013, o modelo dessa forma de fazer história era aquele que consagrava ao profissional a capacidade de enaltecer aquele que seria biografado. Ou seja, as histórias de reis, príncipes e governantes viravam biografias para seus feitos serem enaltificados e isso aconteceu através da influência da historiografia⁶. Então, o gênero biográfico surge como o ato de narrar trajetórias de sujeitos considerados importantes e, atualmente, nota-se que os biógrafos ainda se dedicam a escrever sobre essas pessoas, mas também consideram narrar a vida de pessoas que vivenciaram eventos traumáticos e são sujeitos excepcionais desconhecidos pelos seus feitos humanísticos e outros.

Considerando que as biografias contam a história da vida de alguém, o biógrafo é responsável por reunir informações, pesquisar a história de vida de determinado sujeito para realizar a narrativa. Como acontece em *O piloto de Hitler. A vida e a época de Hans Baur* (2014), escrito por C.G. Sweeting, norte-americano especialista em história militar alemã, o autor reuniu testemunhos através de uma extensa pesquisa sobre a época e a vida de Hans Baur, um homem fiel a Adolf Hitler não só em seus últimos momentos no *bunker* da Chancelaria de Berlim sob ataque soviético, mas também após o suposto suicídio do ditador já derrotado. Hans Baur foi a sombra de Hitler.

O gênero biográfico tem o compromisso com a veracidade dos fatos encontrados. Por isso, é importante que o biógrafo seja um pesquisador criterioso considerando que a narrativa é o agrupamento de fatos sobre carreira e vida pessoal do sujeito biografado, a busca por informações inéditas deve ser retirada de fontes confiáveis e tendo o devido cuidado com os dados polêmicos ou indesejados sobre o personagem biografado. Portanto, o leitor deve procurar saber também sobre a confiabilidade do biógrafo como, por exemplo, a profissão em que atua, quais especializações possui e se já produziu outras

⁶ Historiografia: Estudo e descrição de eventos, fatos, acontecimentos históricos.

biografias ou obras. Por ter um caráter investigativo, devido ao levantamento de informações que deve ser feito, as biografias são, comumente, escritas por jornalistas.

Segundo o artigo *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*, publicado em julho de 2009 na Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, escrito por Jackson Sá-Silva, Cristóvão Almeida e Joel Guindani, a pesquisa para elaborar uma biografia é realizada através de fontes diversificadas, tais como: jornais, revistas, filmes, fotografias, pinturas, programas de televisão, documentos antigos, correspondências, diários e podem ser separadas em fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são compostas pelos documentos, as cartas, diários; as secundárias são depoimentos e entrevistas. Na pesquisa biográfica são considerados documentos as certidões de nascimento, casamento, óbito, certificados, títulos, diplomas, discursos, textos publicados em jornais e revistas, documentários, filmes, caderno de anotações, entre outros. Então, o gênero biográfico possui o caráter documental pois, revela aspectos da vida profissional do biografado e das suas relações pessoais e profissionais.

Considerando que os materiais obtidos para levantamento de dados dos biografados são utilizados para contextualização histórica, social, política e econômica, o trabalho do biógrafo vai além de apenas coletar informações sobre o personagem (biografado), mas também realizar a contextualização de onde o sujeito de quem se escreve estava inserido durante o período narrado, ou seja, a biografia é sempre uma recuperação de vida única e pessoal narrada em contexto.

Então, uma boa biografia deve ter uma extensa pesquisa sobre o biografado, além de considerar quais informações devem ou não ser incluídas na narrativa.

O gênero biográfico revela várias características da história do biografado, muitas vezes trazendo curiosidades sobre um determinado período de sua vida. Normalmente, quando escolhemos uma biografia procuramos as de pessoas que de alguma forma marcaram a história ou realizaram algum feito impressionante. Para o leitor, as informações sobre o biografado podem fazer cessar a curiosidade a respeito de seus feitos.

No Brasil há um projeto de lei, aprovado pelo STF em 2015, que desobriga a publicação de biografias somente com a permissão do próprio biografado ou de seus familiares, com uma emenda: se os herdeiros ou o biografado acharem que há algum trecho a ser corrigido ou expurgado, devem encaminhar ao juiz uma petição e as correções

devem constar na próxima edição, se a Justiça julgar pertinente. Então, a lei prevê o direito à liberdade de expressão na escrita de biografias, mas também preserva o direito do biografado de solicitar a correção de trechos.

Porém, existem casos em que o biografado participa da biografia fornecendo informações sobre si, como exemplo, *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), escrito por Anna Mieszkowska, onde a própria Irena Sendler concede seu testemunho para a autora desenvolver a biografia. A responsável pelo desenvolvimento da biografia de Irena Sendler, Anna Mieszkowska, é uma jornalista e escritora, arquivista na Academia Polonesa de Ciências de Varsóvia. Além das entrevistas mantidas com Irena Sendler, realizou o levantamento de dados através de documentos, jornais antigos e atuais em diversos idiomas, entrevistou sobreviventes da ocupação nazista e aqueles a quem a biografada conseguiu oferecer um destino diferente do previsto. Ou seja, a autora realizou uma pesquisa minuciosa para narrar o período em que Irena Sendler atuou em uma organização clandestina de ajuda aos judeus e se dedicou a organizar um grupo para entrar e sair do Gueto de Varsóvia, levando clandestinamente bebês, crianças e adolescentes que eram entregues a famílias polonesas ou, no caso de alguns adolescentes, uniam-se à resistência.

Considerando os dois exemplos citados, a biografia também tem um compromisso com a memória pois, através dela é possível buscar informações sobre os indivíduos biografados e resgatar memórias através de documentos.

A biografia de Irena Sendler além de seu próprio testemunho, trouxe a público o relato de muitos sobreviventes. Uma senhora polonesa que passava despercebida aos olhos de muitas pessoas, mas que guardava muitas honras devido a seus feitos humanísticos. Anna Mieszkowska, enxergou Irena Sendler e todo seu heroísmo. No próximo capítulo, intitulado *A biografia de Irena Sendler*, será realizada a explanação de sua biografia, o processo realizado para coleta de dados presentes na narrativa e a análise da biografia como uma das formas textuais do gênero memorialista.

4 A BIOGRAFIA DE IRENA SENDLER

A jornalista, arquivista na Academia Polonesa de Ciências de Varsóvia e escritora Anna Mieszkowska desenvolveu a obra biográfica *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto*, que foi publicada em 2013, no Brasil, pela editora Palas Athena. Segundo o site *Anna Mieszkowska*, disponível em: <[Mãe dos Filhos do Holocausto | Anna Mieszkowska](#)>, a primeira edição da biografia de Irena Sendler foi lançada em 2004, em Varsóvia, sob o título *Mães dos Filhos do Holocausto*. A narrativa discorre sobre a vida da cristã polonesa Irena Sendler que atuou como assistente social durante a Segunda Guerra Mundial, e salvou duas mil e quinhentas crianças do Gueto de Varsóvia.

A primeira sessão do lançamento da obra ocorreu em 22 de julho de 2004, mesma data do 62º aniversário do início da Grande Ação de deportação dos habitantes do Gueto de Varsóvia, da Umschlagplatz para Treblinka. O lançamento ocorreu no salão principal do Lar de Idosos de Ordem Hospitaleira de São João de Deus em Nowe Miasto, devido ao estado de saúde de Irena Sendler na época. A biografada faleceu em 2008, mas deixou seu legado através de seu testemunho a Anna Mieszkowska.

Segundo Luis Dolhnikoff, responsável por escrever “Nota à edição brasileira” da obra *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), o livro é um misto de biografia e memória, e também um livro de História. Luis Dolhnikoff também afirma que são histórias dos que foram salvos, dos que salvaram e dos muitos que morreram (DOLHNIKOFF, IN: MIESZKOWSKA, 2013, p.11).

Durante a Segunda Guerra, muitos territórios foram ocupados, em setembro de 1939, as forças nazistas invadiram a Polônia. O exército polonês tornou-se impotente frente às tropas que ocupavam o espaço e, em alguns dias, o país encontrou-se na mão dos invasores. Em Varsóvia, a capital polonesa, a cidade foi delimitada em lado ariano e gueto, no primeiro os poloneses estavam sujeitos às leis da Gestapo e, no segundo, o gueto judaico onde a grande população judia da cidade estava confinada para morrer e os que sobreviviam às torturas eram enviados a campos de extermínio.

E é nesse cenário que agia Irena Sendler, uma assistente social do Departamento de Bem-Estar Social de Varsóvia, membro de uma associação clandestina de ajuda aos judeus, a

Zegota⁷. Ela foi responsável por organizar um grupo que se dedicava a entrar e sair do Gueto de Varsóvia, levando clandestinamente crianças e adolescentes que eram entregues a famílias polonesas ou, no caso dos adolescentes, entravam para a resistência. Porém, o preço dessa ajuda era alto, muitos dos voluntários foram capturados e mortos, e a própria Irena Sendler foi capturada, torturada e condenada à morte pela Gestapo. Mas consegue escapar e retomar seu objetivo: salvar o máximo de crianças e adolescentes judias que pudesse.

O espírito altruísta e corajoso de Irena Sendler foi influenciado por muitos de seus familiares como, por exemplo, seu bisavô, Karol Grzybowski, que foi condenado ao exílio por ter participado da Revolta de Janeiro⁸. Já seu pai, Stanislaw Krzyzanawski, era engajado em atividades pela independência da Polônia, foi perseguido por ter participado da Revolução de 1905 e por pertencer ao Partido Socialista Polonês. Em grande parte de sua vida, seus familiares assistiram seu envolvimento com causas sociais e Irena Sendler não podia ser diferente. Ela foi educada para pensar na coletividade ao seu redor; sua coragem e principalmente, a racionalidade de Sendler em meio aos horrores que via no Gueto de Varsóvia foram valiosos.

Irena Sendler passou as décadas seguintes da Segunda Guerra Mundial malvista pelas autoridades pós-soviéticas da Polônia, que desconfiavam de todos os ativistas não comunistas, e, também, dos ativistas pró-judeus e, então, viveria uma espécie de segunda clandestinidade, dessa vez histórica. Por muitos anos Irena Sendler passou despercebida, mas em 2001, quatro alunas de uma escola americana de Uniontown, no Kansas, foram a Varsóvia para um encontro com a heroína da peça de teatro *Holocausto. A vida num pote*, escrita pelas quatro alunas, a qual relatou os fatos heroicos de Irena Sendler, na época com 91 anos.

Através da repercussão da peça, *Holocausto. A vida num pote*, em abril de 2003 Lili Pohlmann, produtora cultural benemérita da comunidade polonesa britânica, saiu de Londres para presenciar a solenidade relativa aos sessenta anos do Gueto de Varsóvia. A produtora cultural visitou Irena Sendler no Lar de Idosos da Ordem Hospitaleira de São João de Deus em Nowe Miasto. A visita causou grande comoção em Lili Pohlmann que não compreendia por qual motivo ninguém se lembrava de homenagear aquela pessoa que não permitia que se dirigissem a ela como heroína, e chamava as duas mil e quinhentas crianças salvas de “heróis

⁷ A Zegota foi uma organização clandestina de resgate a poloneses e judeus na Polônia então ocupada pela Alemanha. A organização era apoiada pelo governo polonês e, portanto, seus membros se mobilizavam para resgatar judeus da perseguição do governo nazista.

⁸ Insurreição polonesa contra a Rússia.

dos corações de suas mães”. Lili Pohlmann relata a Anna Mieszkowska sobre sua experiência com Irena Sendler e afirma que a jornalista precisava conhecer e escrever sobre Irena Sendler e assim, Anna Mieszkowska começa a desenvolver a pesquisa sobre a ativista e para o desenvolvimento da biografia conta com relatos da própria Irena Sendler.

Segundo Anna Mieszkowska:

Este livro nunca teria surgido sem a participação de Irena Sendler, visto que há fatos e acontecimentos que os historiadores e arquivistas não descobrem nem mesmo depois de anos de pesquisa. Pois ficaram registrados unicamente na memória dos heróis. (MIESZKOWSKA, 2013, p.13)

Então, o fio condutor da biografia de Irena Sendler são suas memórias, principalmente as que dizem respeito à Segunda Guerra Mundial e sua atuação no Gueto de Varsóvia. Irena Sendler recorda no capítulo *A ocupação* quando os nazistas decidiram exterminar o povo judeu e no que consistia o trabalho no gueto:

Quando os nazistas decidiram exterminar o povo judeu, eu não pude simplesmente olhar para isso com indiferença. No distrito judeu viviam muitas pessoas que me eram caras. Entre elas, minha amiga Ewa Rechtman e Jósef Zysman. Ewa trabalhava na Centos, na rua Leszno 2. A Centos era uma associação caritativa, que reunia cerca de cem unidades de assistência social (principalmente refeitório e creches) e quatorze orfanatos. Em que consistia nosso trabalho naquele período? Para poder ajudar os judeus mais necessitados, precisávamos ter boas relações, saber rapidamente a quem se dirigir, bem como falsificar centenas de documentos. Em vez dos sobrenomes dos judeus que recebiam ajuda, preenchíamos esses documentos com sobrenomes poloneses. Obtive, para minha colega Irena Schultz e para mim mesma, documentos de funcionárias do serviço de saúde, cuja tarefa era combater doenças infecciosas. Mais tarde, consegui obter esse tipo de passe também para as demais agentes de ligação. Esses passes nos permitiam entrar legalmente no gueto até abril de 1943.

Quem nos ajudou nesse sentido foi o inestimável dr. Juliusz Majkowski, que era o diretor do Centro de Saúde. Os alemães tinham pavor do tifo, cuja epidemia naquelas circunstâncias (superpopulação, fome e péssimas condições de higiene) estava para explodir e era uma séria ameaça. Para não terem contato com a fonte potencial da epidemia, eles permitiam que nós, os poloneses, controlássemos a situação. Cruzávamos os portões do gueto, não raramente, várias vezes por dia. Tínhamos dinheiro dos fundos do Departamento de Assistência Social, alimentos, medicamentos (inclusive as valiosas vacinas contra o tifo) e produtos farmacêuticos. Levávamos também roupas, nós mesmas vestindo-nos com várias peças ao mesmo tempo – eu, como era bem magra, não tinha problema algum com isso.

Entrando no gueto, colocava uma faixa com a estrela de Davi. Tratava-se de um gesto de solidariedade de minha parte com a população enclausurada naquele lugar. Tratava-se também de não chamar atenção de um alemão que casualmente estivesse por lá, e de não despertar a desconfiança entre os judeus que não me conheciam. [...] (SENDER, IN: MIESZKOWSKA, 2013, p. 79-80)

O testemunho de Irena Sendler é composto por muitos detalhes de sua atuação no Gueto de Varsóvia, pois mesmo anos depois do evento o trauma seguiu vivo em sua memória. Por exemplo, quando relata em uma carta às estudantes que desenvolveram a peça *Holocausto. A vida num pote* como levavam as crianças para fora do gueto.

Levávamos as crianças para fora do gueto, minha agente de ligação e eu, de quatro modos.

Primeiro: um caminhão circulava dentro do gueto transportando diversos produtos de limpeza. O motorista era Antoni Dabrowski, que também trabalhava comigo, no movimento de resistência contra os nazistas. A partir de um lugar no gueto, combinado previamente, ele conduzia então uma criança e a mim ou a uma das minhas agentes de ligação para fora daquele lugar. Era preciso esconder muito bem a criança no caminhão, em uma grande caixa de produtos de limpeza ou – infelizmente – em um saco. Essa criança infeliz, com frequência separada dos pais ou avós à força, ficava às vezes tão assustada que chorava desesperadamente. Ninguém jamais viu o que se passava então em seu pequeno coração, era preciso passar pelo portão, sempre vigiado por um guarda alemão, que podia ouvir a criança a qualquer momento. Uma vez Antoni Dabrowski se dirigiu a mim dizendo: “Jolanta, não vou mais continuar essa ação perigosa com vocês, pois um dia o guarda vai ouvir os gritos e os alemães vão nos fuzilar a todos”. Pedi a ele com energia que pensasse em algo e que não se recusasse a continuar colaborando. Após alguns dias, com uma expressão de grande satisfação, ele declarou: “Tive uma boa ideia. Vou levar um cachorro bem bravo no caminhão. Ao cruzar o portão do gueto, vou pisar com força em suas patas e então o choro do cachorro vai abafar os gritos das crianças. O segundo modo de retirar as crianças era por meio da garagem dos bondes que ficavam dentro do gueto. O marido de uma das minhas agentes de ligação era motorneiro. No dia em que estava de plantão, levávamos até ele uma criança. Ele colocava o pequeno no bonde vazio e conduzia o veículo até o lugar combinado no chamado lado ariano. E lá eu ou uma de minhas agentes de ligação já estávamos esperando. Sempre tínhamos que levar a criança regatada para um dos quatro (mais tarde havia dez) abrigos de emergência, organizados nas casas dos nossos colaboradores mais honestos e corajosos. [...]

Terceiro modo: alguns prédios do gueto tinham porões geminados com prédios habitados por poloneses do lado ariano. O restante do processo era o mesmo.

Quarto modo: o edifício do tribunal, situado na rua Leszno, ficava na área do gueto. Algumas entradas ficavam abertas. O acesso ao edifício se dava pelos fundos, ou seja, pelo lado ariano (dói-me muito usar estas palavras). Por meio do movimento de resistência, conseguimos entrar em contato com dois zeladores que trabalhavam no edifício do tribunal. Esses indivíduos de grande caráter e imensa coragem, ao sinal combinado, abriam as portas do edifício que davam para o lado do gueto. Entrávamos então com as crianças por uma dessas portas e saíamos do lado polonês, sob a proteção do fiel zelador. [...] (SENDER, IN: MIESZKOWSKA, 2013, p. 44-45)

Porém, os desafios de Irena Sendler começavam quando ela e suas colegas iam até as famílias com crianças e ofereciam a possibilidade de retirá-las do gueto. Irena Sendler relata:

Minhas colegas e eu nos dirigíamos as famílias que, sabíamos, tinham crianças. Falávamos que tínhamos uma possibilidade de salvá-las, levando-as para fora dos muros do gueto. Surgia então uma questão essencial: quais eram as garantias de

sucesso de nossa ação? Era preciso então responder honestamente que não podíamos dar nenhuma garantia. Eu dizia francamente que nem sabia se naquele mesmo dia eu conseguiria sair do gueto em segurança com a criança. Aconteciam então cenas dantescas. Por exemplo, o pai concordava em entregar o filho, mas a mãe, não. A avó abraçava ternamente a criança e, derramando-se em lágrimas, dizia entre soluços: “Não vou entregar minha neta por nada neste mundo!”. Às vezes, eu ia embora da casa de uma dessas famílias infelizes sem levar a criança comigo. No dia seguinte, ia verificar como estavam. Com frequência, acontecia de todos já estarem na Umschlagplatz. (SENDER, IN:MIEZKOWSKA, 2013, p.140)

Mesmo após a guerra Irena Sendler fez questão de manter-se presente na vida de muitas das crianças salvas por ela. E isso fica claro quando em 2003, em Washington, Elzbieta Ficowska recebe o Prêmio Jan Karski em nome de Irena Sendler e declara:

Agradeço por minha vida a Deus, aos meus pais judeus, à minha mãe polonesa e a Irena Sendler. Em geral, as pessoas não se admiram com o fato de estarem vivas: eu também não me admiro.

Num poema dedicado a mim, cujo título é “Suas duas mães”, meu marido escreveu:

Foram suas mães
que lhe ensinaram
a não ficar admirada
ao dizer
EU ESTOU AQUI.

Hoje minhas duas mães não estão mais aqui. Irena Sendler está. Para mim e para muitas crianças judias que foram salvas. Irena é uma terceira mãe. Bondosa, sábia, afetuosa, sempre pronta para nos envolver nos braços, a se alegrar com o nosso sucesso, a se preocupar com o nosso fracasso. É Irena que procuramos em busca de um conselho nos momentos difíceis da vida.

Irena conhece nossos filhos e netos, sabe seus nomes e se lembra de suas datas de aniversário. Eles nem sempre têm consciência de que também lhe devem sua existência. Ela consegue conversar com pessoas jovens. Consegue contagiá-las com seu entusiasmo, seu desejo de fazer o bem e de melhorar o mundo. [...] (FICOWSKA, IN:MIESZKOWSKA, 2013, p. 25-26)

Irena Sendler detalha suas experiências durante a Segunda Guerra Mundial, mas também dá voz a outras memórias que cruzaram sua história. Um relato que nos leva a refletir sobre o quanto o Gueto de Varsóvia foi traumático é o de Rachela. A família da jovem foi morta durante a grande deportação que ocorreu em julho de 1942 e perder seus familiares foi um golpe que a abalou ao ponto de quase desorientar-se. O trauma a afetou de tal maneira que após a libertação mudou seu nome para Karolina. Formou uma família, mas seu marido e filha jamais souberam sobre sua história de origem. Irena Sendler relata que ao encontrar com

Karolina, após a guerra, a moça lhe disse: “Lembre-se de que Rachela morreu atrás daqueles muros junto com toda família dela, aqui está uma pessoa totalmente diferente” (MIESZKOWSKA, Anna, 2013, p.101). Era melhor o silêncio a lembrar dos dias terríveis vivenciados, talvez através do silêncio havia a esperança do esquecimento.

Como já citado a biografia de Irena Sendler conta com a seu testemunho e com relatos de outros indivíduos que cruzaram sua história. A leitura é composta por várias memórias guiadas pela história de Irena Sendler. Inclusive, no capítulo *As vozes das crianças salvas*, algumas crianças (já adultos) escrevem sobre Irena Sendler e sobre si. A Elzbieta Ficowska, escreveu:

Querida Irena,

Escrevo esta carta para você e também para compor o capítulo *Vozes das crianças salvas*. Um capítulo do livro que trata da sua história. Como você sabe perfeitamente, eu não tinha voz nem me lembro do que aconteceu comigo e do que se passava ao meu redor nos tempos da guerra. Tinha seis meses, pais e avós que me amavam e queriam me salvar a qualquer preço. Minha mãe, Henia Koppel (antes de se casar, Henia Rochman), tinha uns vinte e tantos anos quando confiou meu destino a você, e você encontrou para mim Stanislaw Bussold, minha mãe polonesa, que me deu amor e segurança.

Foi graças à ação organizada por você que fui retirada do gueto e levada para o lado ariano em uma caixa de madeira, acompanhada de uma colherinha de prata, que meus pais, felizmente, tinham me dado de presente. Eu ainda tenho a colherinha, nela estão gravados meu nome e minha data de nascimento. É a minha herança e a minha certidão de nascimento. Essa herança se revelou mais preciosa do que quaisquer bens de família, perdidos durante a guerra. Minha colherinha de prata tem me trazido felicidade ao longo de toda a minha vida. Hoje presido a Associação das Crianças do Holocausto na Polônia. Sei que nem todas as crianças judias que por milagre se salvaram são felizes. Há um grupo de pessoas da minha idade que nada sabe sobre si. Talvez seus nomes também estivessem registrados nas tirinhas de papel que você mantinha escondidas e que, mais tarde, enterraria dentro de garrafas, mas as famílias dessas pessoas não se salvaram, e ninguém pode lhes dizer quem são.

Querida Irena, a maioria das crianças que foram salvas graças às ações coordenadas por você não sabe que lhe deve a vida. Ninguém, na época, dava esse tipo de informação, pois se corria um perigo mortal. Eu sei. Minha filha, para quem você é uma avó substituta, também sabe, assim como seus filhos pequenos, que visitam você às vezes, e que algum dia virão a entender o quanto toda nossa família deve a você. Mas ninguém sabe mais sobre isso do que você mesma. Muito mais do que eu, inclusive. Se repito tudo isso agora é porque você, afinal, não conheceu pessoalmente todas as crianças que salvou. Como poderia, então, saber que justamente eu, hoje uma senhora, sou aquele bebê? Alguém que não estaria aqui agora se não fosse você? Beijo suas mãos. (FICOWSKA, IN: MIESKOWSKA, 2013, p.292)

São relatos como esses que tornam o inimaginável passível de assimilação, não utilizamos aqui o termo compreensão pois, é impossível compreender o evento traumático. Os testemunhos apresentados na obra *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), de Anna Mieszkowska, incluindo os relatos da biografada, são responsáveis por causar reflexões a respeito do evento traumático que a Segunda Guerra Mundial foi para muitas pessoas e, principalmente, crianças. Também traz informações que rompem com o conhecimento superficial que adquirimos através de livros didáticos e até mesmo livros de História que se atentam apenas aos fatos e não a quem participou deles.

Finalizamos este capítulo com a mensagem de Irena Sendler para os espectadores do documentário de coprodução americano-polonesa: *In the Name of Their Mothers* (Em nome de suas mães), gravado em 2004.

Desejo que nos próximos anos os conflitos do mundo deixem de existir. Que se apaguem as chamas que destroem as nações inteiras e cobrem de sangue várias partes do mundo, matando milhares de pessoas, inclusive os seres mais inocentes: as crianças. Desejo que todas as pessoas do mundo, muito caras para mim independentemente de sua raça, religião ou origem, lembrem-se, em todas as suas ações, da dignidade do outro ser humano, dos seus sofrimentos e necessidades, procurando sempre o caminho da compreensão e do entendimento mútuo. Que vença o bem. (SENDER, IN:MIESZKOWSKA, 2013, p.300)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou em seu primeiro capítulo uma pequena introdução sobre o tempo histórico e o tema que foi abordado na pesquisa. Durante o segundo capítulo houve a exposição sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre os Guetos, em especial o Gueto de Varsóvia, e como era viver em locais como aqueles. O terceiro capítulo abordou sobre a Literatura Memorialista e como a biografia pode ser parte do gênero memorialista. Durante o quarto capítulo, foi apresentada a obra que serviu como fonte principal de análise da pesquisa e para o último capítulo do trabalho temos as considerações finais.

Através da análise de dados sobre eventos-limite, no caso a Segunda Guerra Mundial, é possível concluir que o gênero memorialista é responsável por explicar informações que muitas vezes passam despercebidas. Através das narrativas testemunhais analisadas e principalmente, pela análise da obra *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do Holocausto* (2013), escrita por Anna Mieszkowska, foi possível assimilar muitos dos detalhes do evento traumático, possibilitando a visão ampla e menos superficial sobre a Segunda Guerra e o Gueto de Varsóvia. E principalmente, o modo como viviam e como ocorreu o salvamento de duas mil e quinhentas crianças judias do regime nazista.

Portanto, a memória entrelaçada à linguagem que a explicita tem papel fundamental para evitar o apagamento de testemunhos como os de Irena Sendler, que são de importância ímpar para que tamanhas violências não voltem a ocorrer. Ou seja, a reflexão através da memória de eventos traumáticos é fundamental para que não se repita.

No decorrer da análise da obra *A história de Irena Sendler. A mãe das crianças do holocausto* (2013), de Anna Mieszkowska, o inimaginável torna-se passível de assimilação de fatos que nos são transmitidos de maneira superficial. Em alguns momentos é necessário fecharmos o livro, respirarmos e, então, continuarmos a leitura. As palavras testemunhais nos atravessam como um punhal e nos fazem refletir o quanto não sabemos sobre muitos desses eventos-limite. É impossível compreendermos, mas através do gênero memorialista nos apropriamos de relatos que nos levam diretamente para o inimaginável exposto em palavras.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.

FRANK, Otto; PRESSLER, Mirjam. *O diário de Anne Frank*. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MIESZKOWSKA, Anna. *A história de Irena Sendler: A mãe das crianças do Holocausto*. Trad. Eduardo Nadalin. São Paulo: Palas Athena, 2013.

NAVARRO, Roberto. *Como era a vida em um gueto?* São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-a-vida-em-um-gueto/amp/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022

Museu Memorial do Holocausto dos Estado Unidos. *A vida nos Guetos*. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <[A Vida nos Guetos | Enciclopédia do Holocausto \(ushmm.org\)](https://www.ushmm.org/pt-br/enciclopedia/vida-nos-guetos)> Acesso em: 11 de abril de 2023.

_____. *Guetos (Artigo resumido)*. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/life-in-the-ghetto> > Acesso em: 11 de abril de 2023.

_____. *O Levante do Gueto de Varsóvia*. *Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em: <[O Levante do Gueto de Varsóvia | Enciclopédia do Holocausto \(ushmm.org\)](https://www.ushmm.org/pt-br/enciclopedia/levantamento-do-gueto-de-varsovia)> Acesso em: 11 de abril de 2023.

_____. *A revolta do Gueto de Varsóvia*. Enciclopédia do Holocausto. Disponível: < [A Revolta do Gueto de Varsóvia | Enciclopédia do Holocausto \(ushmm.org\)](#)> Acesso em: 11 de abril de 2023.

MÜLLER, Patricia. *A Literatura de testemunho e a construção da memória do holocausto*. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo.

MIESZKOWSKA, Anna. *Livros*. Varsóvia. Disponível em: < [Livros | Anna Mieszkowska](#)> Acesso em: 11 de junho de 2023.

OLIVEIRA, Dimas. *O essencial da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Hunter Books, 2015.

OLMI, Alba. *Memória e Memórias: Dimensões e Perspectivas da Literatura Memorialista*. Rio Grande do Sul: Editora Edunisc, 2006.

PRIMO, Levi. *É isto um homem?* Tad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

RICOEUR, Paul. *Memory, history, oblivion*. Budapeste, 2003.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

SILVA-SÁ, Jackson; ALMEIDA, Cristóvão; GUINDANI, Joel. *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Rio Grande: Julho de 2009. v.1.

SWEETING, C.G. *O piloto de Hitler: A vida e a época de Hans Baur*. São Paulo: Jardim dos Livros, 2014.

TORRETTA, Monica. *Clio: a Musa*. Clio: História e Literatura. 2019. Disponível em: < [Clio: a Musa – Clio: História e Literatura \(cliohistoriaeliteratura.com\)](#)> Acesso em: 1 de maio de 2023.

